

## TEA E SER-CORPO: POSSIBILIDADES HEURÍSTICAS

Lima, Alessandra de Castro.

*Uerj-IFHT*

*Pedagoga - Formação em Psicometricidade Heurística*

### **Resumo:**

Trata do diálogo tônico nos vínculos familiares que envolvem família e transtorno do espectro autista. Seu conceito, suas demandas e perturbações emocionais, suas provocações na construção da autodescoberta do SER-CORPO e possibilidades transformadoras. Baseia-se nos sistemas autopoieticos. Busca elucidar reflexões sobre a ampliação virtuosa do sentir-pensar-agir. Ressignificando as relações existenciais consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Propondo reflexões acerca da potência das afecções corporais como constituintes da ressignificação das relações intersubjetivas nos contextos da convivência com pessoas portadoras do TEA. Busca pontuar a importância de considerarmos nosso ser-corpo, como morada e paisagem de nossas aprendizagens e das aprendizagens dos outros. Considera a essência das relações corporais como mecanismos desencadeadores de cognição recursiva, na constituição das subjetividades e assim das relações intersubjetivas, então permeadas pela diversidade das emoções envolvidas, quando há atenção e presença perante as possíveis perturbações funcionais das emoções. Valoriza a partir do diálogo tônico a evidência das excitações emocionais na superação do dualismo corpo e mente, mas sim numa visão integral e virtuosa do ser humano. Sugere que é no entrelaçamento e não no dualismo que o corpo se faz ser-corpo. Pontua que a integração ser-corpo abarca um corpo-psiquismo que se dá ininterruptamente ao longo do desenvolvimento humano. Reconhece que as afecções representam condição *Sine Qua Non* nos alcances dos processos relacionais de expressão-apropriação. Possibilita avançar qualitativamente nos domínios das nossas condutas, dos nossos comportamentos. Considera a autocriação como produtora de saudáveis e produtores vínculos familiares no contexto relacional no que se refere ao Transtorno do Espectro Autista. Destaca a atenção ao corpo como base psíquica e portanto cognitiva de possibilidades heurísticas.

### **Palavras-chave:**

Autismo, autopoiese, vínculo, ser-corpo, heurística.

*“(...)Na verdade, somos uma só alma, tu e eu. Nos mostramos e nos escondemos tu em mim, eu em ti. Eis aqui o sentido profundo de minha relação contigo, Porque não existe, entre tu e eu, nem eu, nem tu.” Jaliladdin Rumi*

Para iniciarmos essa conversa, precisamos saber o lugar por onde caminharemos. Vamos aqui pisar em terrenos movediços, ou seja, falaremos sobre vínculos familiares no quadro autista. Mais especificamente como a pessoa portadora do TEA é por vezes provocadora de aprendizagens naqueles com os quais convive mais direta e intimamente: seus pais. Há no entanto, que deixar claro que o Autismo é um transtorno de desordem neurológica dos mais variados graus, onde se considera os mais diversos

quadros autísticos, isto é, não há pessoa com autismo, há pessoas com diferentes graus de autismos. Por isso, então, é que se utiliza a sigla TEA (Transtorno do espectro autista).

É daqui, portanto que falarei, da minha oportunidade em ser MÃE de um menino alegremente autista. Sim, alegre, você deve estar se perguntando como uma criança autista pode parecer alegre? Será essa percepção materna, um meio de se esquivar dos efeitos desse transtorno de desenvolvimento? A resposta mais provável e racional, diante da adversidade comumente relacionada ao TEA, é inicialmente SIM.

No entanto, o caminho trilhado vem sendo bastante surpreendente na medida em que se começa a sentir que as formas convencionais de inter-ação, por si só, ainda deixam brechas na construção de teias relacionais significativas, por conceberem na maioria das vezes, de modo muito reto e previsível os mecanismos de estímulo (S) – resposta(R) diante do como lidar com uma situação que conduz para lugares imprevistos. E isto, seja tanto porque ainda que reconhecendo suas contribuições, rigor e eficácia, algumas abordagens limitam, tolfhem a essência humana, e/ou seja quanto porque a vida prescinde que possamos sempre evoluir cada vez mais ainda, como pais e mães do que o estabelecido nos processos de S - R . E aí , a resposta que particularmente dou as questões inicialmente postas transita no diálogo verbal entre a raposa e o pequeno príncipe , onde a primeira lhe diz seu segredo “ ...só se vê bem com os olhos do coração , o essencial é invisível aos olhos”.

Ter um filho diagnosticado com TEA, é inicialmente sentir-se num emaranhado de perguntas que nem sabemos por onde começam. Assim, nossos passos caminharão por dúvidas e incertezas que ora respondidas provisoriamente, na maioria das vezes, não oferecem segurança. Tais questionamentos estão longe de representar a realidade das necessidades dos *modos de ser autista*. Tendo em vista que no sensu comum ainda há autismo e não autismos. Portanto, generaliza-se comportamentos, padronizando o SER e suas demandas, logo não reconhecendo suas subjetividades e ocasionando por vezes modos de sentir-pensar-agir impregnados de angústia endossados não raramente , por avaliações médicas estigmatizadas.

Todavia, é do cotidiano que brotam questionamentos elucidativos, pois se trata a convivência a priori, de encontros de corpos. E mais especificamente de corpos (corpo da mãe/pai e corpo do filho) que não “apenas” se revelam num convívio específico, mas que, sobretudo se reconhecem na plenitude desse vínculo afetivo e onde, um é afetado pelo sentir-pensar-agir do outro, através: do olhar que anseia o dinossauro, da sílaba *-ca* que indicia a palavra carro, da seletividade alimentar que por vezes se revelou,

pelas explicações clínicas antecipadas aos olhares de estranhamento social, das risadas “inapropriadas”, do olhar sustentado repleto de satisfação (mas autista não olha no olho!), das mãos abanando exprimindo extrema alegria e prazer ao ver-ouvir um dvd de músicas infantis, do intenso gosto por coisas que giram, da estereotipia (autoregulação) de girar-se sem cair, da fala se estruturando- *“compa o Mickey pa mim”*-, do reconhecimento do Não Pode isso filho! Do ouvir *“eu quero cochinha (cócegas) mamãe”*... .

O ponto crucial nesse processo é quando a maternagem/paternagem fala mais alto e é incomodada nas relações subjetivas no contexto do TEA. Pois, é daí que se instaura um mix de sentimentos geradores de dúvida, aflição, tristeza, negação e incredulidade diante da vida, que mais parece um caldeirão a borbulhar e que o que se queria mesmo, é que ele evaporasse, para que toda dor se dissipasse trazendo o conforto como porto seguro, até que o medo do tremor inesperado (ou esperado sufocado e latente) acontece: agora respire fundo, é mesmo autismo!

O avesso do que conhecemos por convívio é instalado trazendo consigo, o desejo por vislumbrar caminhos para que possamos ter as respostas, frente a avalanche interior de questionamentos que acabam é nos direcionando a morada subliminar, onde por vezes escondemos as respostas que precisamos: *a intuição*. Perpassa por aqui, os primeiros passos de um processo infindável, por isso evolutivo e por isso desbravador do conhecimento e portanto, da consciência de si. Ser mãe de alguém com TEA se traduz por uma vontade de potência, guiada pela intuição e, para além das respostas desejadas.

O avesso do social e tradicionalmente sabido, apresenta o modo virtuoso do sentido de viver, como nos alerta SPINOZA (IN:REALE.P433) ao considerar que *“enquanto nós não nos esforçamos por conhecer as coisas em vista de algum fim, a Mente, ao contrário, não pode conceber como bom em si mesmo senão aquilo que leva ao conhecimento”*. Heurísticamente vamos agindo virtuosamente num cenário que recorrentemente se refaz, senão daquilo que pretendemos: conhecê-lo e reconhecer-se, num movimento envolto em descobrir, tantas quantas forem nossas potências afetivas. Toda convivência é dinâmica, é tecida por encontros e não apresenta previsibilidade! Posto que se trata de encontros emocionais cotidianos, marcados pelas exigências de uma diversidade de ações, comportamentos e sentimentos dos sujeitos nela inscritos.

Ora o que todos sabemos é que qualquer indivíduo é ontologicamente dinâmico, por essência torna-se irrefutável nossa ânsia pelo conhecimento, por

conhecer a mim mesmo, ao outro e aos contextos dos quais se compartilha mutuamente. Em se tratando da pessoa autista, antes de mais nada é uma pessoa com todas as contingências que isso possa vir a significar em termos existenciais. Pois bem, é aí que lanço mão de alguns saberes que descobertos por mim, passaram a me situar e reorientar minha trajetória, nesse arenoso e nada firme, nem sólido chão por onde venho passando. Estou aqui, me referindo aos saberes proporcionados pelo contato que venho tendo com a Biologia do Conhecimento de Maturana, (ora também chamada de Biologia do amor) a partir dos sistemas autopoieticos ou autocriação nos seres vivos, tomando como base a ocorrência dos fenômenos dos campos perceptivos. Diante indiscriminadamente, do movimento que nos impele tanto à auto observação quanto aquilo que nos é observável. E suas possíveis interfaces no que se refere a autoprodução, a autocriação e suas provocações na superação de uma visão cartesiana e portanto, fragmentadora do corpo .

Com efeito , segundo a visão cartesiana , o mesmo seria algo “nada mais além” do que uma máquina. Daí a compreensão da comunicação mente - corpo , se configuraria por paralelismo e não por interconexões recursivas, como hoje os estudos de neurociência evidenciam nos fenômenos de plasticidade cerebral. A partir dos processos interoceptivos, proprioceptivos e exteroceptivos. Para entendermos as proposições de Maturana e suas possíveis correlações à importância da construção de vínculos significativos no binômio pais/filhos autistas, numa trama relacional e não numa visão reducionista de interdependência.

Partimos da premissa que há lacunas no processo interacional, que podem ser preenchidas desde que saibamos identifica-las numa perspectiva curiosa, afetiva, emancipadora e por essas razões mesmas reformadoras e recriadoras do SER enquanto observador e reconstrutor de nós mesmos. Outrossim, o foco do nosso olhar adentra territórios heurísticos, e portanto alicerçados na lógica da descoberta. A condição de vivente e logo de seres animados que somos, se sustenta de modo pulsante porque a dinâmica que nos é própria, só garante a vida, uma vez que a organização se mantém . Isto é, “...um sistema dinâmico, determinado estruturalmente existe somente enquanto sua dinâmica estrutural aconteça com conservação de sua organização”(MATURANA,1998:35).

Entendendo por estrutura as relações de trânsito entre substâncias-energia-matéria e por organização o tangível a interpretação do conjunto das redes criadas entre aqueles componentes, constituindo cada qual, SER como é. Nesse fluir a vida se faz e se refaz a partir das influências sentidas, passadas, recebidas e repassadas, num

fluxo circular continuum, produtor de perturbações contextuais, que por sua vez desempenham funções deflagradoras de processos de transformações estruturais através de interações recorrentes e recursivas. E assim, pela conservação, garantindo a vida integralmente, pela unicidade mente/corpo.

Por essa perspectiva, podemos concebê-la ainda como mera engrenagem? Que lugar tem a emoção nesses mecanismos? Os processos adaptativos refutam o paralelismo, a visão mecanicista, quando somos tirados das zonas de conforto e estabilidade e colocados em situações desafiantes. É essa a oportunidade proporcionada pelo TEA aos pais de modo mais incisivo e específico (e até numa dimensão menos peculiar também à professores, e demais pessoas próximas do círculo de convívio), por desencadear sistemas autopoieticos na unicidade mente-corpo. Representando esta unicidade, a base dos diálogos tônicos que no curso das nossas trajetórias vamos inexoravelmente estabelecendo e, onde “toda interação implica em encontros estruturais entre os componentes e toda conexão estrutural desencadeia mudanças nos componentes das estruturas dos sistemas que participam do encontro”.(MORAES,2003:89) Nesse cenário transformador, vamos enquanto seres gregários que somos, aprendendo a sermos nós mesmos, como seres inacabados na busca da autodescoberta e da redescoberta de si e do outro pelas trilhas que criamos e que vão marcando nossos corpos, devido as vivências sensoriais e afetivas experienciadas. Forjando o que chamamos por corpo simbólico. Evidenciando assim, a integralidade do EU-CORPO numa não dissociação dos aspectos neurológicos, mecânicos e emocionais demonstrados não apenas de modo automático. Mas também e, sobretudo, por meio das nossas subjetividades (reações emocionais, olhares, gestos, toques, ritmos).

Nesse prisma, é pelo contato direto ou não que o ‘ego corporal’ vai se edificando, já que “ o ego não é somente um ego pele, mas também um ego carne. A comunicação que se estabelece não é apenas uma relação de pele a pele, mas também uma relação de carne a carne, na qual a musculatura é ao mesmo tempo, emissora e receptora”( LAPIERRE, 2002:125).O corpo é tido como uma corrente de motilidade que expressa-apropria .

Traduz-se na linguagem corporal a função tônica enquanto canal expressivo, de nossas emoções e das do outro. Declarando seus aspectos funcionais através das modulações tônicas sentidas-expressas .

E em se tratando do que está envolto no TEA, a potência da comunicação infra verbal se deflagra, pois “compreendemos esta linguagem do corpo

sem ter necessidade de identificar e de analisar os múltiplos elementos que a constituem”(LAPIERRE,2002:132). Desse modo o corpo se põe a ler, exprimindo a personalidade e a ambiência na qual tal linguagem, veio se dando. Somos afetados e afetamos numa teia relacional geradora de expressões motoras, reveladoras da nossa identidade.

Portanto, nossa capacidade adaptativa de estabelecer diálogos tônicos propulsores de afetos restauradores diante das adversidades, são tanto possíveis quanto necessárias, se compreendemos a mensagem da Raposa. É, portanto nesse território heurístico, que a consciência corporal pode deflagrar diálogos tônicos emocionais prazerosos, criativos e promotores de aprendizagens recíprocas nas cotidianas interações que envolvem pais/ mães – filho autista. As formas subliminares, pelas quais vamos nos dando conta de todo esse processo nos conduz a ressignificação do habitual, do normalmente realizado, correto e socialmente admitido. Pois a não presença ou a conjugação da linguagem verbal nos diálogos tônicos identificam nestes a potência ontológica em expressar-se e comunicar-se, convocando a partir de movimentos baseados na atenção, o estabelecimento de vínculos afetivos, de alcances positivamente transformadores nos sujeitos envolvidos.

O tónus se caracteriza pela elasticidade ou resistência de um tecido ou órgão, e poder compreender os meandros desses estados, enquanto manifestações prazerosas ou não da nossa consciência nas mais variadas situações, podem finalmente então nos indicar até onde eu enquanto sujeito me encontro disponível e emocionalmente envolvido, à vontade e, portanto consciente, para que esse encontro de corpos, cotidianamente promova de fato um diálogo ressignificante do ponto de vista dos sistemas autopoieticos. Isto é, tal comunicação se dá a partir de gestos que exprimem essencialmente nossas emoções em diferentes fluxos de energia e matéria, e em congruência com as circunstâncias nas quais estamos inscritos e que, portanto participamos, compartilhamos, construímos e que também nos constroem.

Portanto, ressalto a pertinência de releitura dos nossos *gestos* numa lente mais apurada, buscando reparar no não dito, no que não é aparente, para que então possamos abrir caminhos de perceber a sua potência interconectiva A fim de superar a nós mesmos, enquanto capacidade ontológica de auto-organização. É como se pudéssemos, mergulhar de modo intrínseco e *virtuoso* no fundo das nossas lacunas emocionais. E sermos convidados pelos vínculos estabelecidos, a ampliar nossa existência enquanto SER-CORPO.

Vamos assim, atuando num cenário onde nos tornamos autores, protagonistas e reformadores íntimos das nossas relações nos mais variados

contextos, posto que se trata da oportunidade de superação de si e da autodescoberta, mediadas pelas afecções positivas, ou seja, quando o amor por um filho nos orienta na aventureira viagem do viver .

Orbitando numa atmosfera que assume o devir diante das *provocações no ser-corpo* postas pelo TEA, estaríamos aqui declarando a iminência cognitiva , da não ausência da emoção e sentimentos diante de contextos que reivindicam nossa racionalidade ?

#### Referências:

COSTE, Jean- Claude. A Psicomotricidade. RJ. Zahar , 1978.

DAMÁZIO, Antônio. O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano.

KELEMAN, Stanley., Realidade somática. SP. Summus, 1994.

LAPIERRE, Andre. Da Psicomotricidade Relacional a análise corporal da relação. Paraná. UFPR, 2002.

MATURANA, Humberto;Varela, Francisco. Árvore do Conhecimento: as bases biológicas do conhecimento humano . Campinas,SP. Editorial PSYII, 1998.

MORAES, Maria Cândida. Educar na biologia do Amor e da solidariedade. Petrópolis. RJ Vozes, 2003.

REALE,Giovanni . História da Filosofia :do Humanismo a Kant .SP. Paulus,1990.

SAINT-EXUPERY, Antoine. O pequeno príncipe. RJ . Agir ,1985 .